

A CASA SCHINKE COMO LEGADO DO PATRIMÔNIO MATERIAL

Schinke's house as a legacy of material heritage

Solange da Silva Portz¹

Cláudio Renato de Camargo Mello²

Valdir Gregory³

RESUMO

Considerado o primeiro fotógrafo de Foz do Iguaçu, Harry Schinke (1902-1976) retratou os aspectos cotidianos da cidade e do seu povo; seus fatos históricos e monumentos. Neste percurso, o presente artigo pretende discutir algumas questões sobre como alguns símbolos e elementos pertencentes à cultura de Foz do Iguaçu, retratados por Schinke, contribuíram para a construção e manutenção de identidade local. A casa onde o personagem viveu está em vias de patrimonialização, nesse sentido é pertinente refletirmos sobre a importância do bem para a construção da memória. A metodologia de investigação é a pesquisa bibliográfica e documental, trazendo os fundamentos da interdisciplinaridade, tendo como diretrizes as principais ideias de Nora (1993), em seu artigo “Entre Memória e História: A problemática dos lugares”; de Ginzburg (2008), ao direcionarmos nosso olhar investigativo à procura de “sinais”, “pistas” ou “indícios” – reveladores acerca dos fenômenos da realidade. Consideram-se ainda as reflexões de Argan (1998), sobre a arquitetura como disciplina independente e suas relações com a cultura e a memória. Para a análise documental, trazemos como orientação, algumas fotografias de Schinke, bem como o espaço de sua casa e seu entorno imediato, pensando sobre como se deu a apropriação deste exemplar arquitetônico, transformado em “lugar de memória” e constituído como patrimônio cultural. Como principais resultados, considera-se que as reflexões sobre as relações entre história, memória e identidade sejam uma grande contribuição à forma de se opor ao acelerado efeito devastador da contemporaneidade, que ocorre pela cristalização de traços e vestígios de um tempo que se foi.

Palavras-chave: História. Memória. Identidade. Patrimônio.

ABSTRACT

Considered the first photographer in Foz do Iguaçu, Harry Schinke (1902-1976) portrayed the daily aspects of the city and its people; its historical facts and monuments. Along this path, this article aims to discuss some questions about how some symbols and elements belonging to the culture of Foz do Iguaçu, portrayed by Schinke, contributed to the construction and maintenance of local identity. The house where the character lived is in the process of patrimonialization, in this sense it is pertinent to reflect on the importance of good for the construction of memory. The research methodology is bibliographic and documentary research, bringing the foundations of interdisciplinarity, having as guidelines the main ideas of Nora (1993), in his article “Between Memory and History: The problematic of places”; de Ginzburg (2008), when directing our investigative look in search of “signs”, “clues” or “clues” - revealing about the phenomena of reality. Argan's (1998) reflections on architecture as an independent discipline and its relations with culture and memory are also considered. For the documentary analysis, we bring as a guide, some photographs of Schinke, as well as the space of his house and his immediate surroundings, thinking about how this architectural example was appropriated, transformed into a “place of memory” and constituted as cultural heritage. As main results, it is considered that the reflections on the relations between history, memory and identity are a great contribution to the way of opposing the accelerated devastating effect of contemporaneity, which occurs through the crystallization of traces and vestiges of a time that is gone.

Keywords: History. Memory. Identity. Patrimony.



¹ Mestre e doutoranda, Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. E-mail: solimagem22@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8814-3492>

² Mestre e doutorando, Universidade de Cruz Alta - UNICRUZ e Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. E-mail: cmello@unicruz.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1730-9832>

³ Doutor, Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. E-mail: valdirmacgregory@gmail.com



1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem a finalidade de discutir algumas questões a respeito de como alguns símbolos e elementos pertencentes à cultura de Foz do Iguaçu contribuíram na construção e manutenção de identidade deste povo. Nesse sentido, configuram-se os registros fotográficos e a casa onde viveu Harry Schinke, como elementos dessa construção da memória local.

Acontecimentos documentados pelo personagem, nas décadas de 1920 e 1930, são frequentemente citados em textos que abordam a história do município. Ao serem utilizados, criam-se narrativas e rememoram-se acontecimentos entendidos como importantes para Foz do Iguaçu, proporcionando a certeza de que algo foi realmente vivido. Assim a fotografia é uma fonte de informação e um documento com várias funções, um artefato no qual o homem encontrou suporte para guardar sua memória. Sob essa perspectiva, a fotografia estimula a lembrança.

A casa em que Schinke viveu está à venda e recentemente foi protocolada uma solicitação para seu tombamento com a finalidade de que se torne um museu da fotografia. Nesse contexto, por meio da preservação a casa re(adquire) seu sentido histórico e de lugar de memória, além de atribuir-lhe valor e significado.

Assim, considera-se que os grupos sociais no processo histórico atuam como promotores da memória e do esquecimento, ou seja, de seleção, pois esse é um processo de construção e domínio da memória coletiva fundando uma estruturação de poder (Le Goff, 1984). Nessa mesma abordagem, Paul Ricoeur (2007) entende que as dimensões da memória se inscrevem nas relações das formas de reconhecimento, individuais e coletivas. Afirma que a memória está relacionada com a linguagem e o conteúdo do conhecimento e se estrutura nas formas coletivas de expressões sociais. Ainda segundo esse autor, a memória pensada de forma coletiva demanda e se entrecruza com memórias individuais naquilo que é particular e que está próximo. A memória atua como um dispositivo que é ativado como mecanismo de afirmação identitária no campo cultural e político. Desta maneira, fica evidente que esse dispositivo funciona como um mecanismo de auto reconhecimento, fornecendo elementos do passado para atuar no presente e, com isso, cria formas de representação social dos valores da tradição e dos seus significados, entendidos pelo grupo social que reivindica a memória, como sendo importante para a difusão da cultura e dos saberes locais.

Portanto, é relevante destacar que, para a compreensão da linguagem fotográfica, é necessário dialogar com informações sobre o tempo e lugar de sua produção, com os personagens que compõem as cenas, na viagem que a imagem realizou, bem como em outros suportes de memória que a fazem circular até a atualidade. Vale ressaltar, que esse artigo, não tem a intenção de analisar as fotografias. Elas serão utilizadas como elementos para entender o papel que exercem no processo de construção da memória e conseqüentemente da identidade.



2 HARRY SCHINKE, A CASA E A FOTOGRAFIA

Considera-se um desafio iniciar esse texto, abordando sobre *O Homem, a Casa e a Fotografia*, pois falar de Harry Schinke como um dos personagens da história de Foz do Iguaçu é dizer sobre a construção de memórias e identidade local, visto que ele viveu e se relacionou intensamente com a sociedade e com o espaço da fronteira, deixando registros inéditos sobre a natureza e acontecimentos que marcaram as décadas de 1920 e 1930. O Conto, *Viagens nas Fronteiras da Memória* procura representar este espaço da seguinte forma:

(...) Minha cidade tinha uma avenida, algumas ruas e duas fronteiras. Do outro lado dos rios, Argentina e Paraguai (...) Cidades parecidas em sua provisoriedade. Idênticas em seu abandono. Ruas poeirentas, casas rústicas de madeira, pintadas de amarelo com barras vermelhas, cercas de ripas pontiagudas. Longe das metrópoles. Distantes dos governos. Isoladas no centro do continente. Nossos vizinhos, os castelhanos, conviviam conosco em terna solidariedade de povoados esquecidos. Três lugarejos compartilhando a mesma solidão e os mesmos negócios: o contrabando, a madeira e os comércios da sobrevivência (CAMPANA, 2020, n.p).

A narrativa se apresenta como uma carruagem que transita por entre as paisagens da memória, aflorando a imaginação de vivências de um tempo que se faz presente, a partir das superfícies achatadas das fotografias; momentos eternizados pelas lentes de Harry Schinke, que foi testemunha ocular de atividades que alimentavam o dia a dia da fronteira.

Harry Schinke é conhecido como *Fotógrafo da Fronteira*. No início do século XX, veio da Alemanha juntamente com sua família e se estabeleceu em Joinville, Santa Catarina. Mais tarde Schinke chegou em Foz do Iguaçu, onde fixou residência. A decisão para morar na fronteira aconteceu na década de 1920, através do convite de um médico amigo, para montar uma casa de profilaxia – medidas utilizadas na prevenção de doenças por meio de procedimentos para manter a saúde da população, como: vacinação, medidas de higiene, cuidado com a alimentação, em uma localidade que tinha uma avenida, algumas ruas e duas fronteiras. Iniciou suas atividades de profilaxia, incluindo em seus atendimentos, a população da Argentina e do Paraguai. Por isso também é considerado pioneiro na manipulação de medicamentos para a comunidade da fronteira.

Não se sabe ao certo onde aprendeu o ofício, mas em Foz do Iguaçu, passava a noite estudando em livros estrangeiros. Em entrevista à Revista 100 Fronteiras, o neto Vilmar, relatou que ao chegar alguém com uma doença, a qual seu avô não conhecia, passava as noites estudando com o microscópio, procurando conhecer o problema e, assim que descobria, manipulava a medicação. As doenças mais comuns na época eram o tifo e a febre amarela. Quando conseguia a fórmula, guardava para tratar o próximo paciente que chegasse com os mesmos sintomas (REVISTA 100 FRONTEIRAS, 2016, p. 47).

Na reportagem: *Harry Schinke e sua Máquina Maravilhosa*, no jornal Nosso Tempo, (1981) Dona Marieta, viúva do fotógrafo, informou que seu marido recebia pessoas de todos os lugares da região. Relembrou de um caso, que ao curar uma criança argentina, teria ganhado



um Ford Bigode, que foi um dos primeiros carros de Foz do Iguaçu. Esse carro foi utilizado para transportar turistas para as Cataratas e autoridades à Panair, uma das companhias aéreas pioneiras no Brasil. Nesse sentido, Schinke aliava a exaustão de seu trabalho diário com o transporte de turistas no “bigodinho” – apelido carinhoso dado ao Ford, momentos estes em que aproveitava para fazer o que mais gostava que era fotografar estando em meio à natureza.

A relação com a fotografia, aconteceu quando Harry Schinke adquiriu uma câmera fotográfica e, ao perceber que a fotografia poderia ser associada a outras funções desenvolvidas, montou o primeiro laboratório fotográfico da cidade. Ele mesmo preparava os compostos químicos com uma máquina reveladora que adquiriu para o novo empreendimento (Jornal Nosso tempo, 1981). Pelo que parece, o que era para ser um hobby, em pouco tempo se transformou em atividade, ao ponto de contratar um ajudante, além de sua esposa Marieta e a filha, que também fotografava. Atualmente o conjunto de imagens produzidas no início do século XX integram grande parte das memórias sobre Foz do Iguaçu e da fronteira, chancelando seu reconhecimento como *Fotógrafo da Fronteira*.

As imagens de Harry Schinke foram produzidas num período em que Foz do Iguaçu vivenciava alguns acontecimentos que lhe valeram discussões em nível regional e nacional. Antes disso, os registros eram realizados pelas lentes de turistas. As fotografias de Schinke podem ser qualificadas enquanto precursoras do fotojornalismo da região, pois foi pioneiro em registrar aspectos da cidade e do povo.

No decorrer dos anos, suas fotografias ganharam novos significados, sendo constantemente utilizadas em reportagens de jornais, revistas e livros que abordam histórias de Foz do Iguaçu e da fronteira. Atualmente, Harry Schinke é representado como personagem da história de Foz do Iguaçu, o que reforça a ideia de que o pesquisador, ao analisar uma imagem, não pode perder de vista aquilo que a fotografia não mostra no momento do corte, mas que faz parte da mensagem, bem como os significados que adquiriu no decorrer do tempo.

Os registros realizados por Schinke são de acontecimentos marcantes para Foz do Iguaçu. Foi na década de 1920 que a população ganhou a Paróquia São João Batista, que foi fundado o primeiro Clube de Foz, local onde seriam sediados os principais eventos sociais, como reuniões e bailes e também a chegada do movimento tenentista que manteve a cidade sitiada, entre setembro de 1924 e abril de 1925.

A figura 1 é um dos registros mais emblemáticos de Schinke. A fotografia representa a primeira Capela de Foz do Iguaçu sendo destruída pelas chamas, fato vinculado aos festejos com fogos de artifício, pela retirada da Coluna Prestes da região.



Figura 1- Incêndio na Capela de Foz do Iguaçu (1925).



Fonte: Arquivo da Paróquia São João Batista.

Também são significativos os registros fotográficos de Carlos Prestes e seus homens em pose em frente ao Marco das Três Fronteiras, ou dos homens do Batalhão de Fronteira em embarcações no Rio Paraná, que podem ser vislumbrados enquanto flagrantes jornalísticos, onde o autor propôs contar um acontecimento a partir da lente de sua câmera.

Harry Schinke é lembrado pela família como um amante da natureza, fotografou muitos espaços de suas vivências. Em entrevista à Revista 100 Fronteiras (2016), o neto Vilmar Schinke relatou que seu avô não conseguia passar um final de semana sem querer ir ao rio Iguaçu. A família reunia-se nas cataratas, montavam camping e nem naquele lugar de paz Schinke sossegava, pois estava sempre disposto a ensinar sobre a natureza (GRELEMANN, 2016, p. 2).

A figura 02 intitulada passeio a “um local onde ninguém ia”, mostra Harry Schinke (à direita), com sua família em um destes passeios pelas cataratas, em estação de pouca água. A foto pertenceu ao acervo de Josephina Schimmelpfeng, falecida em 2016.

Figura 2- Passeio a “um local onde ninguém ia” (1925).



Fonte: CORRÊA, 2016, pp.74-75.



Outra passagem que pode fornecer elementos para conhecer o fotógrafo e as suas vivências na fronteira está no livro: *Retrospectos Iguaçuenses: Narrativas históricas de Foz do Iguaçu*, onde a autora Otília Schimmelpfeng relatou sobre esses passeios que as famílias faziam aos domingos:

Havia os que preferiam um passeio pela mata a procura de frutas silvestres. Outros se internavam para a caça de pássaros canoros ou animais de carne saborosa, como a paca. As vezes acontecia que um certo “cheiro” de tigre pela vizinhança vinha frustrar uma bem planejada caçada, pois, ninguém se animava à espreita de semelhante caça... Alguns se entregavam à pesca, muitas vezes, descendo pela rocha escarpada, com grande risco iam apanhar o “dourado” lá embaixo, no canal do rio. Prático e destemido, neste mister era o meu compadre Schinke, o grande “vaqueano” daquelas paragens (SCHIMMELPFENG, 1991, p. 38).

Nas fotografias de veraneio os banhistas, inclusive flagrantes de Harry Schinke, não aparecem com trajés consideradas habituais para banho, mas com vestes que não condizem a vivência no ambiente. Otília Schimmelpfeng segue com seu relato, mencionando que talvez fosse grotesca a figura dos banhistas vestidos de longos pijamas e calçando alpargatas, mergulhar no rio numa algazarra, enaltecendo os áureos tempos entre os anos de 1921 e 1924. “É justo que seja motivo de riso ver uma fotografia dos veraneios daquele tempo, porém a sua excêntrica indumentária servia de armadura para se defender dos mosquitos ‘bariguis’ que atacavam em nuvens” (SCHIMMELPFENG, 1991, p.38).

Contudo, destaca-se a importância que as fotografias de Harry Schinke representam para desvendar as relações vivenciadas na fronteira. A imagem enquanto produto de trabalho humano carrega os códigos produzidos socialmente, contendo no seu enquadramento, as formas de ser e agir de certa sociedade em um determinado tempo.

Um outro elemento que constantemente traz à tona o nome do personagem, em matérias de jornais e revistas, é a casa onde viveu e que atualmente encontra-se à venda. No ano de 2015, a edição de agosto da Revista 100 Fronteiras já havia publicado uma matéria, cujo título, *História à Venda*⁴, acompanhada de uma foto que retrata a casa onde Harry Schinke morava e trabalhava, recebendo pacientes da fronteira. Na foto aparece em primeiro plano a placa na cerca da residência com a inscrição: Vende-se. No texto, a casa é o local da experiência vivida, passando a ser o lugar de memória.

Publicada na Gazeta Diário de Foz do Iguaçu (GDia), do dia 18 de setembro de 2017, a matéria intitulada “Residência onde morreu Moisés Bertoni há 88 anos está à venda” traz a fotografia da fachada da casa com a placa “Vende-se”. Publicações similares também estão em blogs, em cujos conteúdos fica evidente o apelo para que a casa seja reconhecida como patrimônio cultural, já que foi palco das vivências dos dois personagens que produziram registros inéditos sobre o espaço da fronteira.

A residência se configura, para usar o termo de Pierre Nora (1993), enquanto lugar de memória para o grupo social, uma vez que tem no simbolismo atribuído um espaço que guarda

⁴ REVISTA 100FRONTEIRAS. *História à Venda*. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=g3M2jXC5Br4>>. Acesso em set. 2017



uma memória, sendo que a coletividade precisa deste suporte exterior para sua ritualização e, portanto, a contínua renovação de um sentimento que identifica a comunidade da fronteira com um passado comum que se ancora nas vivências na fronteira. Seria, portanto, a raiz comum ao testemunho e ao indício (GINZBURG, 2008). Isso se torna significativo ao entender que a residência de Harry Schinke também foi o espaço onde Moisés Bertoni (1857-1929) conviveu e deixou seu rastro. É um indício não escrito, elevado ao conceito de documento que seria a soma dos indícios e dos testemunhos cujo ponto final são os rastros deixados pelos personagens. Assim o apelo para que a casa seja transformada em lugar de memória, um Museu da Fotografia.

3 JOGO DA MEMÓRIA NA FRONTEIRA: RELAÇÃO ENTRE HARRY SCHINKE E MOISÉS SANTIAGO BERTONI

História, literatura, jornais, revistas, imagens e o cruzamento constante entre estas fontes, fornecem as bases para seguir os rastros do imigrante alemão Harry Schinke e os indícios de suas relações com o Suíço Moisés Santiago Bertoni, que migrou para a América do Sul no ano de 1884, primeiramente na região de Misiones na Argentina, mais tarde, fixou residência nas margens do rio Paraná, em terras paraguaias.

A data de 19 de setembro de 1929 marca o falecimento de Moisés Santiago Bertoni, aproximadamente 46 anos antes da morte de Harry Schinke. Sobre o acontecimento, o jornal do Paraguai *El Liberal* publica a notícia:

Cartas recibidas del Alto Paraná informan de la actitud simpática de las autoridades y pueblos brasileños de la vecina población de Foz do Iguazú que coinciden con la tradicional hidalguía y sentimientos fraternales del pueblo hermano. “Al agravarse el estado de salud del doctor Bertoni fue solicitado el concurso de los dos profesionales médicos residentes en dicho pueblo, doctores Luis Gómez y Passo H. Schinke, quienes prodigaron al ilustre enfermo los más solícitos cuidados y trasladándolo luego a Foz do Iguazú. Fue atendido en domicilio de los mismos con el cariño de un padre y con todos los recursos de la ciencia; cuando estos fueron impotentes para detener el proceso fatal de la dolencia y se produjo el deceso, el cadáver del doctor Bertoni fue arrebatado de manos de sus atribulados deudos, puesto en regio féretro en improvisada capilla ardiente donde fue velado toda la noche, desfilando ante él lo más selecto de la población. La luz eléctrica fue mantenida toda la noche y el pueblo amaneció vistiendo en media asta la bandera que simboliza aquel pueblo que es todo hidalguía y todo corazón. Al día siguiente, el cadáver fue trasladado a Puerto Bertoni, extremándose la gentileza hasta hacerlo transportar por el vapor Salto, lo que no fue posible porque siendo este buque de pabellón extranjero no se atrevió a bajarlo en costa paraguaya. El administrador apostólico de Foz do Iguazú, monseñor Guilherme María Thiletzek, administró los oficios religiosos y tuvo la deferencia de trasladarse a Puerto Bertoni a hacer la última misa” (JORNAL EL LIBERAL, 09 de octubre de 1929).

Essa é a publicação mais antiga em que o nome de Schinke aparece relacionado ao nome de Bertoni. No texto, ele é denominado doutor que cuidou de Bertoni, em Foz do Iguazú. Após a morte, o corpo teria sido levado ao Paraguai, pela marinha brasileira e sepultado no jardim de sua casa, onde hoje está o Monumento Científico que leva seu nome. Segundo o texto do



jornal, no velório estavam presentes pessoas influentes da sociedade de Foz do Iguaçu e a missa foi celebrada pelo Monsenhor Guilherme Maria Thiletzek, que chegou na região nos anos de 1920. Naquele período, em Foz do Iguaçu a luz que ficava acesa até as 21 horas, foi liberada a noite toda para que Bertoni fosse velado. Não se tem conhecimento do autor desta carta, mas o que chama a atenção são alguns elementos do contexto da fronteira. Principalmente no que se refere às dificuldades do traslado do corpo de Bertoni, uma vez que o vapor à disposição era de bandeira estrangeira.

Trechos dessa mesma carta foram publicados recentemente em revistas e jornais de Foz do Iguaçu. Mas os objetivos destas publicações foram outros. Nesse contexto observa-se o que pode ser denominado de uma disputa pela memórias de Bertoni, sinalizando a importância da residência para que seja patrimonializada, uma vez que reforça o local de falecimento de Bertoni e, ao mesmo tempo, dá visibilidade ao seu proprietário, Harry Schinke que também adquire importância como personagem da história, atrelado à imagem de Bertoni. Nesse sentido, a carta que anunciava a morte de Bertoni adquiriu um novo significado na atualidade. É utilizada como um indício que traz elementos para justificar as relações de Bertoni com Foz do Iguaçu. Ele não nasceu e nem viveu no Brasil, mas frequentava e visitava o Brasil, vindo a falecer na casa.

Candau (2011) ajuda a entender que a utilização do texto do jornal que anunciou a morte de Bertoni, citando Schinke, em publicações recentes, se constituem em escolhas, para comprovar a relação entre ambos, bem como para perpetuar lembranças decorridas, memórias sobre o passado, em uma mediação mortuária. As memórias são construídas a partir de acontecimentos pretéritos, os quais já não existem, mas que permanecem no tempo. Com isso, Bertoni teve a possibilidade de continuar a viver a partir de tais lembranças. O ato simbólico institui que ele, no Paraguai, não seria um sujeito morto, aquele do qual ninguém se lembraria, com sua individualidade apagada com o seu falecimento. Assim os textos, ao darem ênfase de que a morte de Bertoni ocorreu na casa de Schinke, são o testemunho que demonstram a sua importância para a história local, mas também a relevância da casa como elemento simbólico para a construção da memória, bem como o papel da patrimonialização neste processo. Neste contexto, a casa ganha importância sendo o local da morte do personagem adquirindo o papel “de instigar, pela emoção, uma memória viva” (CANDAU, 2011, 145).

A publicação da morte vem sendo utilizada em materiais de divulgação locais, enquanto suporte à construção dos elos para efetivar uma relação de pertencimento. Será que essa informação, ou constatação, por si só, pode ajudar a requerer uma memória de Bertoni como sendo personagem da história local do lado brasileiro e assim consequentemente a preservação da casa e da história de Harry Schinke? Nessa disputa, observam-se dois pontos importantes: o nome do fotógrafo é incorporado às memórias da fronteira, além de servir de elemento para requerer as memórias de Bertoni para Foz do Iguaçu. Nesse jogo, é importante pensar sobre como se dá a construção de memórias na fronteira. Nessa discussão para a construção da memória, a partir da relação entre os dois nomes à casa, a fotografia exerce um papel fundamental que representa o encontro entre as famílias Schinke e Bertoni.



Figura 3 – Encontro das Famílias Schinke e Bertoni (1936).



Fonte: Blog 123turismo.

Utilizada nas publicações como comprovação sobre a relação entre os dois personagens da fronteira, a fotografia cuja cena mostra o encontro das duas famílias, ocorrido em 1936 no município de Presidente Franco – Paraguai, ilustra a matéria publicada pelo Blog 123 Turismo⁵ (2013), cujo título destaca: “Revista 100 Fronteiras promove encontro entre bisneta de Bertoni e neta de Harry Schinke – Foz do Iguaçu” na casa onde Bertoni faleceu, pertencente à família do fotógrafo. O registro sugere ainda que as duas famílias continuavam as relações, mesmo após o falecimento de Bertoni.

A história dessa relação só foi retomada pelas mídias locais a partir do ano de 2007, momento em que os nomes começaram a ser relacionados, com maior intensidade, ao período que antecede o centenário da criação do município de Foz do Iguaçu, ocorrido em 2014. Assim, ao incorporar o nome Moisés Bertoni à discussão, na qual relaciona-se a Harry Schinke e a sua casa, estabelece-se a efetivação da memória, justificando, assim, a importância e a necessidade da preservação da casa, consequentemente da história dos personagens que viveram na fronteira.

4 PATRIMÔNIO E MEMÓRIA

O terreno de aproximadamente 3.300,00 m², onde se localiza a edificação conhecida como “casa Schinke”, faz frente para a Rua Tiradentes e fica situado na área central de Foz do Iguaçu, fazendo fundos para o futuro parque do Monjolo (em implantação). A casa original foi construída em madeira no ano de 1921 para abrigar a família e comportou o primeiro laboratório de fotografia da cidade, bem como uma casa de profilaxia, visto que Schinke também era farmacêutico. Com o passar do tempo, a fim de suportar o peso da casa, o subsolo foi reforçado com paredes de tijolos maciços de 30 cm e, ao final da década de 1960, a residência foi remo-

⁵ Blog 123turismo. **Revista 100 Fronteiras promove encontro entre bisneta de Bertoni e neta de Harry Schinke – Foz do Iguaçu.** Disponível em <<https://123turismo.wordpress.com/2013/08/03/revista-100-fronteiras-promove-encontro-entre-bisneta-de-bertoni-e-neta-de-harry-schinke-foz-do-iguacu/>>. Acesso em set. 2017.



delada e as demais paredes externas de madeira foram substituídas por alvenaria e sua fachada reconfigurada com a estética atual.

Figura 4: Casa Schinke em 1921 e 2020.



Fonte: Montagem fotográfica dos autores, adaptado de Silva (2019).

No ano de 2013, uma equipe de acadêmicos pesquisadores do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Dinâmica das Cataratas – UDC, sob coordenação do professor/arquiteto Alexandre Balthazar, realizou o levantamento métrico arquitetônico da casa, enfatizando a urgência para que sejam tomadas medidas de conservação. O estudo dos espaços internos da residência evidenciam que “em seu interior a história ainda pulsa. Objetos teimam em lembrar épocas em que os únicos recursos médicos eram ali preparados, consolidando registros do patrimônio imaterial da época” (PULCINELLI, RICHARDS e PAULUK, 2013, p.20).

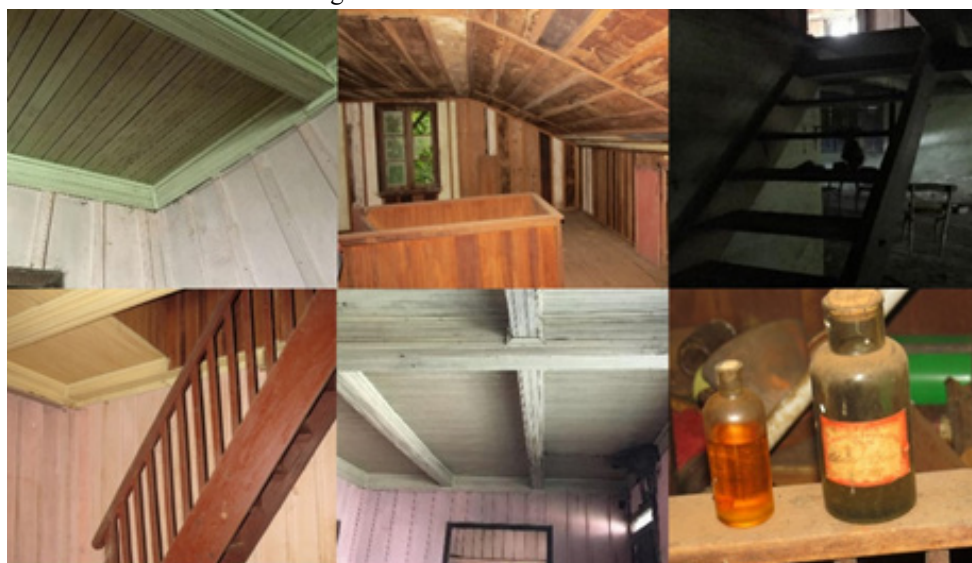
O Arquiteto Alexandre Balthazar, vem lutando há algum tempo para que a casa de Schinke seja restaurada e abrigue a Casa da Memória Fotográfica de Foz do Iguaçu. Na publicação da revista 100 Fronteiras, de 09 de setembro de 2015, apresenta a residência:

Casa de Schinke a de nº 305, tem sala e antessala, dois quartos, sótão (espécie de quartão) com sacada. Uma escada leva para a cozinha, localizada na parte de baixo da casa, no porão. Lá também tem um banheiro. A parte da frente é de material, pedras e cimento. Todo o restante é de madeira de lei. Mesmo sem nenhum tipo de manutenção, as paredes, as divisórias, o assoalho e o teto resistem ao tempo há quase um século. Nas décadas de 20, 30 e 40, muitos moradores batiam à porta de Schinke atrás dos medicamentos que ele manipulava. Os historiadores dizem até que ali foi a primeira maternidade de Foz. Eles também contam que ali foi firmada uma grande amizade entre o fotógrafo e o cientista Moisés Bertoni, que morava do outro lado do Rio Paraná, no Paraguai. De tempos em tempos, Bertoni cruzava a fronteira de barquinho para rever o amigo e conseguir algum medicamento para a malária. E foi na casa de Harry que Bertoni morreu em 1929 (REVISTA 100 FRONTEIRAS, 2015).

Ao realizar o levantamento para o projeto, a equipe visitou a casa e fotografou objetos que pertenciam a Harry Schinke, materiais que eram utilizados na manipulação de medicamentos, bem como alguns mobiliários.



Figura 5: Interior da Casa Schinke.



Fonte: Montagem fotográfica dos autores, adaptado de Silva (2019) e Balthazar (2015).

Pela Lei Nº 4.470 de 5 de agosto de 2016 foi criado o Conselho Municipal de Patrimônio Cultural (CEPAC), que institui a Política Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural, Histórico, Artístico e Ambiental de Foz do Iguaçu e apresenta como patrimônio cultural os bens de natureza material e imaterial, relacionados à identidade, à memória, aos acervos documentais de várias naturezas, além do tombamento de bens móveis e imóveis e de inventários de bens culturais, que seria o registro de acervo composto por forma de expressão, saberes, entre outras manifestações. Neste contexto, o Decreto Municipal Nº 26.166/18 estabelece o Conselho Municipal de Patrimônio Cultural, determinando as competências da Comissão Permanente de Preservação e Fiscalização.

A discussão em torno da patrimonialização da casa Schinke seguiu em publicações posteriores. No dia 27 de dezembro de 2019 o portal do GDIA divulgou matéria informando que a Comissão Permanente de Preservação e Fiscalização do Conselho Municipal de Patrimônio Cultural (CEPAC) protocolou a solicitação de tombamento da residência. Também neste mesmo mês, foi apresentado, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário UNIAMÉRICA, o Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo do então acadêmico (hoje arquiteto Célio da Silva), sob a orientação do professor arquiteto Alexandre Balthazar, intitulado “Casa da Memória Fotográfica de Foz do Iguaçu e Hotel Schinke”. O projeto propõe não apenas a preservação da casa – a ser transformada em casa da memória Fotográfica –; como também inclui a inserção de uma obra nova – um hotel, bem como o imóvel datado de 1930, mandado construir por ele, no mesmo terreno, para residência de sua filha Laly Schinke.



Figura 6: Proposta para Casa da Memória Fotográfica de Foz do Iguaçu e Hotel Schinke.



Fonte: Montagem fotográfica dos autores, adaptado de Silva (2019).

Assim, a partir das reflexões e análise de Argan⁶ sobre a arquitetura como disciplina independente e suas relações com a cultura e com a memória – individual ou coletiva –, consideram-se as relações destas edificações com a memória coletiva da cidade, bem como pela sua importância histórica, social e arquitetônica.

Para Meneses, falar em patrimônio é falar de valor. “Se o valor é sempre uma atribuição, quem o atribui? quem cria o valor?” (MENESES, 2009, p.33). O autor cita o artigo 216 da Constituição de 1988, que, ao abordar diretamente a questão do valor, evidencia que é o poder público que institui o Patrimônio Cultural, por meio dos bens tombados e, neste contexto, o valor não é criado pelo poder público e sim pela sociedade. Contudo, o Patrimônio Cultural se insere na esfera política, no sentido de que é de interesse público. Por isso, o campo dos valores é um espaço de conflitos.

A identificação da relevância que um patrimônio possui depende de cada momento da sociedade. Assim, legitimamos as atribuições aconselhadas por Meneses (2009), que promovem o reconhecimento dos monumentos mediante seus valores cognitivos, formais, afetivos, pragmáticos e éticos, sendo capazes de fornecer as bases materiais para a construção da identidade de uma cidade.

Nesta direção, entende-se como fundamental o estabelecimento de valores para a compreensão do que é necessário preservar. Hernández define o valor da seguinte forma:

El valor es una cualidad añadida que los individuos atribuyen a ciertos objetos que los hacen merecedores de aprecio. Estamos, pues, ante un concepto relativo que aparece y desaparece en función de un mareo de referencias intelectuales, culturales, históricas y psicológicas, que varía según las personas, los grupos y las épocas (HERNÁNDEZ, 1996, 01).

⁶ O italiano Giulio Carlo Argan (1909-1992) foi historiador e teórico da história da arte. Entre suas obras merece destaque *História da arte como história da cidade* e seus estudos da década de 50 sobre *Bruneleschi*, *Gropius* e a *Bauhaus*.



Nas publicações em jornais e revistas locais, sobre a casa de Harry Schinke, é evidenciada sua importância histórica, na iminência de ser atribuído um valor, de forma que ela venha a constituir-se enquanto patrimônio cultural, para abrigar a Casa da Memória Fotográfica de Foz do Iguaçu. Nesse sentido, a casa está sendo concebida enquanto lugar de memória, se manifesta como lugar-testemunho, passando de uma condição formal de conteúdo do passado, para a possibilidade de prova documental. Ela passa a ser uma representação do passado no presente, confirmando assim, o fato de ser um espaço de memória, onde a informação: “Se desdobra ao longo de uma cadeia de operações que têm início no nível da percepção de uma cena vivida, continua no da retenção da lembrança, para se concentrar na fase declarativa e narrativa da reconstituição dos traços do acontecimento” (RICOEUR, 2007, 171).

Pierre Nora, no texto *Entre memória e história: a problemática dos lugares*, que abre o volume inicial da obra *Les lieux de mémoire*, define lugares de memória como sendo:

Antes de tudo, restos. [...] São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos (NORA, 1993, pp. 12-13).

Gonsalves (2012), ao estudar a obra *Les lieux de mémoire*, observa que Nora, em um breve texto, dedica uma parte ao patrimônio. O patrimônio seria uma memória gerada a partir das demandas do presente.

Por memória-patrimônio não basta se contentar em entender o alargamento brutal da noção e sua dilatação recente e problemática a todos os objetos testemunhos do passado nacional, mas, muito mais profundamente, a transformação em bem comum e em herança coletiva das implicações da memória mesma (GONSALVES, 2012, p.40).

Para Gonsalves, a memória-patrimônio não significaria somente um sinal do crescimento, em importância, do campo do patrimônio cultural. A autora interpreta, a partir das indicações de Pierre Nora (1993), que o patrimônio teria se tornado a forma privilegiada de expressão da memória nacional, e com isso entende-se as razões de o próprio campo patrimonial, atualmente, “sofrer pressões para sua reestruturação, quanto a procedimentos técnicos, normativas, perfil de profissionais, abrangência dos elementos passíveis de preservação e critérios de seleção” (GONSALVES, 2012, p.40).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão sobre as relações história, memória e identidade é bastante ampla e pertinente ao contexto colocado por Pierre Nora e pelos demais autores citados nesta investigação, uma vez que a falta de referenciais faz com que as coletividades estabeleçam critérios de forma a se sentirem pertinentes a determinados grupos e também pelo fato de que a aceleração da história frente ao processo de globalização reforça cada vez mais as identidades.



Pela identificação dos diversos códigos culturais, que emanam dos diferentes grupos sociais que compõem a complexidade étnico-cultural do território iguaçuense, denota-se que enquanto as classes elitizadas utilizam símbolos, elementos e adereços da cultura muito mais por questões de status social do que por identificação, é na massa economicamente menos favorecida – que se define como herdeira desta cultura – que se percebe um significado emocional, um sentimento de pertencimento e identificação a uma determinada cultura que a memória cristalizou.

Foi possível acompanhar, nos meios midiáticos locais, a ênfase no papel de determinados sujeitos que viveram na fronteira. No que se refere a Harry Schinke, a partir de levantamento documental, verificou-se em publicações, que existem reivindicações para que a casa onde residia o fotógrafo seja transformada em Museu da Fotografia. É possível então relacionar a questão da memória a outros componentes, como por exemplo, a questão da identidade étnica, onde processos de imigração resultaram em colonizações que trouxeram características peculiares nas suas arquiteturas.

Nesta perspectiva, alguns exemplares arquitetônicos acabaram por conformar lugares de memória e se constituíram em um numeroso patrimônio cultural que ao longo do tempo foi se degradando e em alguns casos se extinguindo. Assim, a diversidade cultural das correntes de imigrantes acabou por aproximá-los e integrá-los e a arquitetura produzida foi concebida de acordo com um repertório formal que lhe era familiar e que tentaram reproduzir de acordo com as possibilidades materiais. Os patrimônios desses imigrantes em Foz do Iguaçu nos legaram reinterpretções das arquiteturas de seus lugares de origem.

REFERÊNCIAS

BALTHAZAR, Alexandre. **Foz 100 Anos: Harry Schinke e o Museu da Fotografia do Iguassu**. 2013. (07m44s). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=CQwv79ozHRo>>. Acesso em 19 set. 2017.

BALTHAZAR, Alexandre. **UDC – Patrimônio Cultural: Harry Schinke, Foz do Iguaçu**. 2009. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=jdt0-CYMk-Y>>. Acesso em 19 set. 2017.

CAMPANA, Fábio. Viagens nas fronteiras da memória. **Revista Ideias**, 2020. Disponível em <<https://www.revistaideias.com.br/2020/08/10/viagem-nas-fronteiras-da-memoria/>>. Acesso em 13 out. 2020.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Trad. de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CORRÊA, Marcos Sá. **Meu vizinho, o Parque Nacional do Iguaçu**, 2016.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictícios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.



GONSALVES, Janice. **Pierre Nora e o Tempo Presente: Entre a Memória e o Patrimônio Cultural**. *Historiæ*, Rio Grande, 3 (3): 27-46, 2012.

GRELLMANN, Annie. **Harry Schinke: O homem que Foz não deveria esquecer**. *Revista 100 Fronteiras*, Jan. 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HENÁNDEZ, Josep Bailan. **El Valor del Patrimonio Histórico**. *Complutum Extra*, 6(II), 1996: 215-224. Disponível em <<https://ucm.es/esindex.php/CMPL/article/viewFile/CMPL>>. Acesso em 13 set. 2017.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, Unicamp, 1984.

JORNAL EL LIBERAL, Asunción, Paraguai, 09 de outubro de 1929.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. **O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas**. In: ANAIS, I Fórum de Patrimônio Cultural. Ouro Preto, 2009.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. *Projeto História*. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993.

PULCINELLI, Cláudia; RICHARDS, Elliot; PAULUK, Paula. **Patrimônio Histórico Cultural**. Centro Universitário Dinâmica das Cataratas – UDC. Foz do Iguaçu, 2013.

Revista 100 fronteiras. **Moisés Bertoni e a História de Foz do Iguaçu**. Disponível em <<http://100fronteiras.com/materia/mois-es-ber-toni-e-a-historia-em-foz-do-iguacu>>. Acesso em 19 set. 2017.

Revista 100 Fronteiras. **Bertoni, o homem que Foz esqueceu**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=g3M2jXC5Br4>>. Acesso em set. 2017.

RECIEL. **Casa onde morreu Moisés Bertoni está à venda em Foz**. 2017. Disponível em <<https://gdia.com.br/noticia/06-49>>. Acesso em set. 2017.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: editora das Unicamp, 2007.

SCHIMMELPFENG, Ottília. **Retrospectos Iguazuenses**. Foz do Iguaçu – Paraná: Editora Tezza, 1991.

SILVA, Célio. **Casa da Memória Fotográfica para Foz do Iguaçu e Hotel Schinke**. Trabalho Final de Graduação (TFG), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário Uniamérica, Foz do Iguaçu, 2019.

Recebido em: 28/10/2020

Aceito em: 02/03/2021

Publicado em: 06/2021